21
JVNHO
28
Nº 20

PEDIMOS

Aos nossos agentes
que nos communiquem,

com a brevidade possivel,

a relação dos assignantes cujas assignaturas devem se vencer agora e que desejam continuar a receber o "Arlequim".

AVISAMOS

ainda

que os nossos assignantes semestraes que não reformarem as suas assignaturas até fins de julho, de agosto proximo em dente não receberão mais a Revista.

TODA

E

QUALQUER

correspondencia nesse sentido deverá ser dirigida ao nosso gerente, sr. Oscar Pedroso Horta, caixa postal, 3323, São Paulo.

EXPEDIENTE
ASSIGNATURAS:
Por anno . . . 40$000
Por semestre . . 22$000
GERENTE:
Oscar Pedroso d'Horta

REVISTA DE ACTUALIDADES
Publica-se as Qintas-feiras alternadas, em São Paulo
Redacção e Administração
Rua Libero Badaró 28, - 3.º andar, - sala 14
CAIXA POSTAL 3323
PHONE 2-1024

DIRECTORES:
Sud Mennucci
Mauricio Goulart
Pedroso d'Horta
ILLUSTRADOR:
J. G. Villin

Corpo de Redacção:
MERCADO JUNIOR, AMERICO R. NETO, FELIX DE QUEIROZ, DE LIMA NETTO

Collaboradores
ALBA DE MELLO (SORCIÉRE), MARIA JOSÉ FERNANDES, MARILÚ, MURILLA TORRES, ELSIE PINHEIRO, COLOMBINA, DULCE AMARA, AMADEU AMARAL, VICENTE ANCONA, RICARDO DE FIGUEIREDO, A. DE QUEIROZ, RAUL BOPP, GUILHERME DE ALMEIDA, NARBAL FONTES, MURILLO ARAUJO, REIS JUNIOR, SILVEIRA BUENO, FRANCISCO PATTI, J. RAMOS, HONORIO DE SYLOS, EDMUNDO BARRETO, RUBENS DO AMARAL, PERCIVAL DE OLIVEIRA, MELLO AYRES, AMERICO BRUSCHINI, THALES DE ANDRADE, CORREA JUNIOR, BRENNO PINHEIRO, CLEOMENES CAMPOS, AFFONSO SCHIMIDT, GALVÃO CERQUINHO, MARIO L. CASTRO, MARCELLINO RITTER, ANTONIO CONSTANTINO, THEOPHILO BARBOSA, JOSÉ PAULO DA CAMARA. LÉO VAZ, ETC.

A SAHIDA DE ARLEQUIM

Esta pagina é destinada ao publico em geral e ao Mercado Junior, em particular.

Ao primeiro porque é preciso avisal-o que o bonequinho não sahirá dia 4 proximo futuro.

Isto pela razão simples de não se encontrarem em São Paulo, nessa occasião, muitos dos directores e redactores do "ARLEQUIM".

Ninguem perderá com isso pois o numero de 18 de Julho será duplo tanto em quantidade quanto em qualidade. Nelle o "ARLEQUIM" dirá o que viu por esse interior que vae per correr. Para os leitores da capital teremos uma surpreza : o segundo concurso que realisamos. Para o Mercado Junior enviamos daqui um grande abraço.

Maior que os que lhe damos todos os dias cá em casa.

E' que lhe devemos o numero passado do boneco.

Elle o tirou quasi sosinho auxiliado apenas pelo De Lima Netto.

Esse poeta que nós fomos arrancar do silencio a que o prendia uma modestia absurda.

E nada mais havendo a tratar damos por encerrada esta primeira pagina.

A EPOCA DA PENITENCIA

O seculo xx tem-se caracterizado, até nossos dias, pela vertigem que empolgou seus filhos esquecidos, de todo, das cousas da alma.

O materialismo envolvente, a inconsciencia dos homens, a futilidade das mulheres, têm razoavel e profundamente impressionado a Santa Se.

Por isso, cada vez, mais, se justificam as recommendações da Igreja em relação á penitencia.

Aos bons catholicos mais que a ninguem cabem os bons exemplos.

Façam uma visita á casa Santa Ephigenia, sita a rua Santa Ephigenia numero quarenta e cinco a, que offerece aos seus amigos e freguezes, um lindo sortimento de fitões do S.S. Sacramento, do Coração de Jesus, e mais Associações catholicas.

Rosarios, livros de missa e de piedade, santinhos, medalhas, imagens, alfayas, paramentos, artigos variados para presentes, etc., etc. M. Silva & Cia.

PHILANTROPIA INTERNACIONAL

Assobiando triste o garoto engraxava. Engraxava com perfeição e assobiava com alma.

Retesando o panno encardido, com um movimento continuo, automatico, os seus pulsosinhos rachiticos esforçavam-se por lusir calçados poeirentos. Alguns, por um capricho que nunca saberei explicar perfeitamente, não se submettiam á acção da pasta e do panno. Talvez, este pedaço de couro que assim teimava em se conservar opaco, fosse uma revolta muda, unica revolta possivel, da alma do animal que sacrificavam para elegancia e conforto de um pé.

Quando sobrevinham esses dissabores, creio que o maior na vida d'um engraxate, o esforço éra então dobrado. Curvado sobre o calçado, suando, afogueado, o garotinho devia vencer... e quasi sempre vencia. Depois de muito polir e repolir, meneando a cabeça para traz como um artista que executa um quadro, assim permanecia elle por alguns momentos, a contemplar o "effeito". Sempre faltava algum retoque. Elle retocava. Depois com certesa, enthusiasmado com seu trabalho, sorrindo disia : "promptinho".

Gostava eu muito de apreciar esta scena da lucta pelo ganha pão. "Ganharás o pão com o suôr de teu rosto". E elle ganhava o seu já tão cedo!

Mas o que mais eu gostava, o que alli me prendia irresistivelmente a attenção, éram aquellas melodias tristes que seus labios sopravam, apprendidas não sei onde... Notas harmoniosas que me falavam d'um passado saudoso... Talvez d'um lar acolhedor, amigo, onde havia a dedicação espontanea, o amor desinteressado...

Forçosamente, sob aquellas vestes rotas e emporcalhadas, habitava, ignorada de todos uma grande e linda alma ; talvez mesmo uma alma fadada a fulgurantes surtos de gloria !...

E como seria bom, então pensei, si pudesse eu tornar esse humilde engraxador de calçados, n'um engraxador de seu proprio espirito !

Quartelmar

O PRIMEIRO CONCURSO DE "ARLEQUIM"

O Cupido moderno devia ser representado empunhando uma caneta. Todo namorado, por menos amigo das musas que seja, perpetra por ahi a sua literaturazinha ás occultas... Verdade é que nunca se fizeram cartas de amor tão insipidas, como actualmente. Não ha mesmo fugir deste dilemma: ou o namorado de hoje não ama, ou ama e é incapaz de transmittir o que sente. José Enrique Rodó, o estilista maravilhoso dos "Motivos de Proteo" *escreveu certa vez: "Cuantas cartas marchitas e ignoradas merecerian exhumar-se del arca de las reliquias de amor!". Não nos parece tenha lá muita razão o arguto pensador de* "Ariel". *Como porém temos a sua palavra na mais alta conta, abrimos um concurso, para premiar o autor ou autora da mais bella carta de amor que nos for enviada.*

MEU BEM

Como todas as mulheres, nasceste com a curiosidade ao redor da retina... não só da retina – todos os teus póros perguntam o "como" e o "porque" das cousas!... E hontem ficaste zangada por não te querer contar o meu passado. Passado!...

Si eu tivesse vindo das ruinas de Troia teria te respondido como Enéas... Talves sejas mais curiosa que Dido! Hontem não tinha a calma de espirito necessaria. Hoje, escrevo.

Nasci, ha muito tempo, ás duas horas da madrugada. D'ahi para tras, não me recordo de nada... Era noite escura e, se me não engano, estava chovendo. Nesse dia, com certesa, houve grande lufa-lufa lá em casa – não era para menos! Eu era o primeiro... A "siá" Luciana, entendida e pratica no assumpto, passáva lá o dia todo.

Como já disse, eu era o primeiro e o primeiro, como sabes, dá sempre trabalho... por isso a "siá" Luciana achou indicada uma "sympathia": minha mãe vestiu pelo avesso o paletó de meu pae e elle, descalço, com uma palha de milho amarrada na orelha esquerda, dava voltas em roda da cama, engulindo grãos de feijão crú... Então eu nasci...

Foram logo verificar si eu devia usar calças ou saia, cobriram-me o corpo de talco, enfaixara-me todo e me redusiram a um cylindro de lã, seguro com um enorme alfinete de segurança.

Custei muito a abrir os olhos. Quando o fiz, um grande clarão me entrou pelo corpo a dentro e eu senti... home, não senti nada!

Logo pela manhã, a dona Yayá, que viera ver o novo visinho, muito prosa e solteira, tirou-me a touca, passou-me a mão pela moleira, fungou-me o cangote dizendo: — "Que cheirinho gostoso de criancinha nova!..." – No meu caso o que farias? Pois é, foi o que eu fiz...

Eu tinha então a cabeça pellada como a tenho agora: gordo e mole como um borrachudo, passei de collo a collo, humedeci alguns e para todos eu era "engraçadinho" e "a cara do pae"...

Sete dias depois, aconteceu o que tinha de acontecer – o meu umbigo cahiu e desde então até hoje tenho vivido sem elle.

Creio que agora ha de socegar a tua curiosidade pelo meu passado, porque ficaste sabendo

que ainda sou o mesmo homem que deu o que fazer á "siá" Luciana, com a differença que não tenho mais aquelle cheirinho gostoso de creancinha nóva...

Nunca pude agradecer á "siá" Luciana uma especie de chupeta de panno, cheia de assucar, que ella me dava nos momentos em que eu fazia beicinho para chorar; em compensação hoje te agradeço a chupetinha assucarada dos teus labios que me faz gostar da vida nos momentos de choradeira...

Sempre o teu

Jacob.

VINICIO

Obedecendo a um movimento instinctivo de todo o meu ser, resolvi hoje escrever-te para tentar explicar o delicioso estado doentio de min'alma, ultimamente.

Com certeza você nunca advinhou a intensa emoção, a alegria infinita que me invade toda ao te encontrar aqui, alli, aos brincos do accaso.

Hontem quando nos encontramos na elegante sallinha de Maria Lucia, e que você me beijou as mãos, com aquella graça, que a gente sempre descobre nas pessoas queridas, você não é capaz de calcular a força de vontade que precisei ter para reprimir o impeto de te beijar a cabeça de beijar infinitamente o teu olhar que me fazia n'aquelle momento a mais feliz das creaturas.

E se não fiz tudo isso, foi apenas para não perder a linha de paulista orgulhosa que me prezo de ser, mas não juro que em outra occasião eu resista a tentação.

Nos teatros, nos cinemas, você não sabe, como é bom te vêr lá, te sentir lá.

Não ha nada que me dê tanto prazer como constactar essa especie de "communhão de pensamentos" que nos une, e nos izola do resto do mundo e que quasi se trahe na attenção, que sem querer nos damos um ao outro.

Dizem que o amor só traz tristezas! não creio! desde que me sinto victima das suas deliciosas settas, eu me sinto alegre, alegre como as andorinhas em pleno Verão.

E assim eu sinto uma alegria deliciosa de Viver!...

Viver então é comer, beber, dormir, repetir todos os dias os mesmos actos insipidos da vida?

Não! isso é um vegetar enfadonho que nos enche a alma de tedio!

Viver e sentir as emoções profundas da Alegria, da Dôr, do Enternecimento, do Amor, enfim! desse sentimento abençoado, que aquece, santifica e enobrece todas as nossas acções e nos torna gratas até as coisas mais pequenas e insignificantes.

Aconteça o que acontecer na nossa vida, Vinicio, eu nunca mais poderei esquecer, o encanto deste sentimento, que tão sem querer você soube me inspirar!

Eu que vegetava numa vida morna, e sem interesse, sinto-me agora viver com um enthusiasmo delicioso que me faz a alma toda em festas! ...

Minha vida agora tem um fim, um nórte, uma razão de sêr, e isso me parece a melhor benção que recebi dos ceus!...

Si é verdade o que você disse, que a minha attenção te vae ajudar á viver, vou pôr nessa attenção toda a minha melhor bôa vontade, e todo o meu carinho.

Eu sei, que eu não devo te dizer tudo isso; mas que hei de fazer si eu não consigo mais vêr a Alegria, a Felicidade em parte nem uma onde você não está?

Eu tenho a impressão que si você desapparecesse da minha vida, seria como se faltasse a luz para os meus olhos, como se faltasse o sol bendicto que aquece o coração da gente, e como se faltasse o ar que se respira, emfim seria, como se a Vida fugisse de mim!

Como as palavras são ôcas para dizer o que se sente, se fores capaz, adivinha-o!...

Contritamente te confesso o meu maldoso prazer de te ter obrigado a pensar em mim durante toda a leitura desta carta!

LYGIA

Recebemos até o dia do encerramento do nosso concurso de cartas amorosas, áfora as ja publicadas, mais as seguintes que esperam apenas a revisão necessaria para serem ou atiradas á cesta, ou por sua vez, dadas á publicidade.

D. Jose – Nena – Urti – Mariangela – Elisabeth – D. Juan – D. Helena – Leda – Tilde – d'Artagnan – Leonor – Ruggiero – Senhora – Violeta Negra – Ruggiero – Senhora – V;tlz T « zb.jT Rajah Apaixonado – Victor Hugo – Eugenio – Tua – Ella – Virgilio – Lourdes – Magdalena – Evangelina – A. E. R. – Junior – Alaor – Valerio Vargas – Pedro Hortiz – Antonio Ayres – Jeremias – Lucifer – Alma – Dr. Josias – Paulista – Senier – Ruy Amaro – Anna – Myra – Nina – Inah – Ruth – Marina – Yolanda – Maria Luisa – Margot – Alice – Adalgisa – Gabriela – Marcelle – Jocaste – Bergeret – Gaetano – Marisa.

As cartas enviadas e não comprehendidas nesta lista não nos chegaram ás mãos.

Revue de L'Amerique Latine

Todos os intellectuaes brasileiros deveriam assignar e collaborar nessa revista de diffusão da cultura da America Latina, na França, como fazem os intellectuaes dos demais paizes Sul e Centro Americanos.

A Revista já conta 7 annos de existencia e tem á sua direcção os escriptores Ernest Martinenche e Charels Lesca e como collaboradores um grupo de literatos que conhecem a literatura portugueza e hespanhola, entre os quaes: Manoel Galvisto, Francis de Mirmandol, Jean Cassou, G. le Gentis, Philleas Lebesgue, Georges Pillement, Robert Ricard, Raymond Rorge, René Richard, Angel Marvand, Max Daireaux Jean Durian, C. Fournier, A. Folgairolle, etc.

Preço da assignatura annual . $2.60

ou sejam 22$000.

* * *

iniciará

no seu proximo numero

?

Psiu!

"Qui va piano,

va sanno...

e qui va sanno..."

Até o proximo dia 18!

DIRECTORES:
SUD MENNUCCI
MAURICIO GOULART
PEDROSO D'HORTA

PUBLICA-SE EM SÃO PAULO

ANNO I — 21 de Junho de 1928 — N. 20

São João

Noite de São João...

Noite brasileira dos rojões bulhentos... dos sambas arrastados e dolentes no terreiro liso das fazendas...

Noite de desafios amorosos ao gemer das violas, sob a caricia das estrellas. Noite do quentão, do reboleio do batuque...

Rangem nos morões seccas porteiras. São os caboclos que chegam pra festança.

Lá em cima, no alto, a lua redonda e branca...

Lá em baixo, nas casas de colonos, uma janella siquer onde não haja luz. Depois, os balões que sobem, se misturando, no ceu, com as estrellas. "Balão tá subindo... tá descendo... tá subindo otra veis... num cae mais não!." "Tonico, lá vae, pistolão, peste. Da caminho prelle". "Num tem pirigo, pae".

Agora, é o Fulgencio que chóra na viola a saudade de um dia assim, lá longe, quando pra elle os balões eram mais bonitos e muito mais alegre o São João.

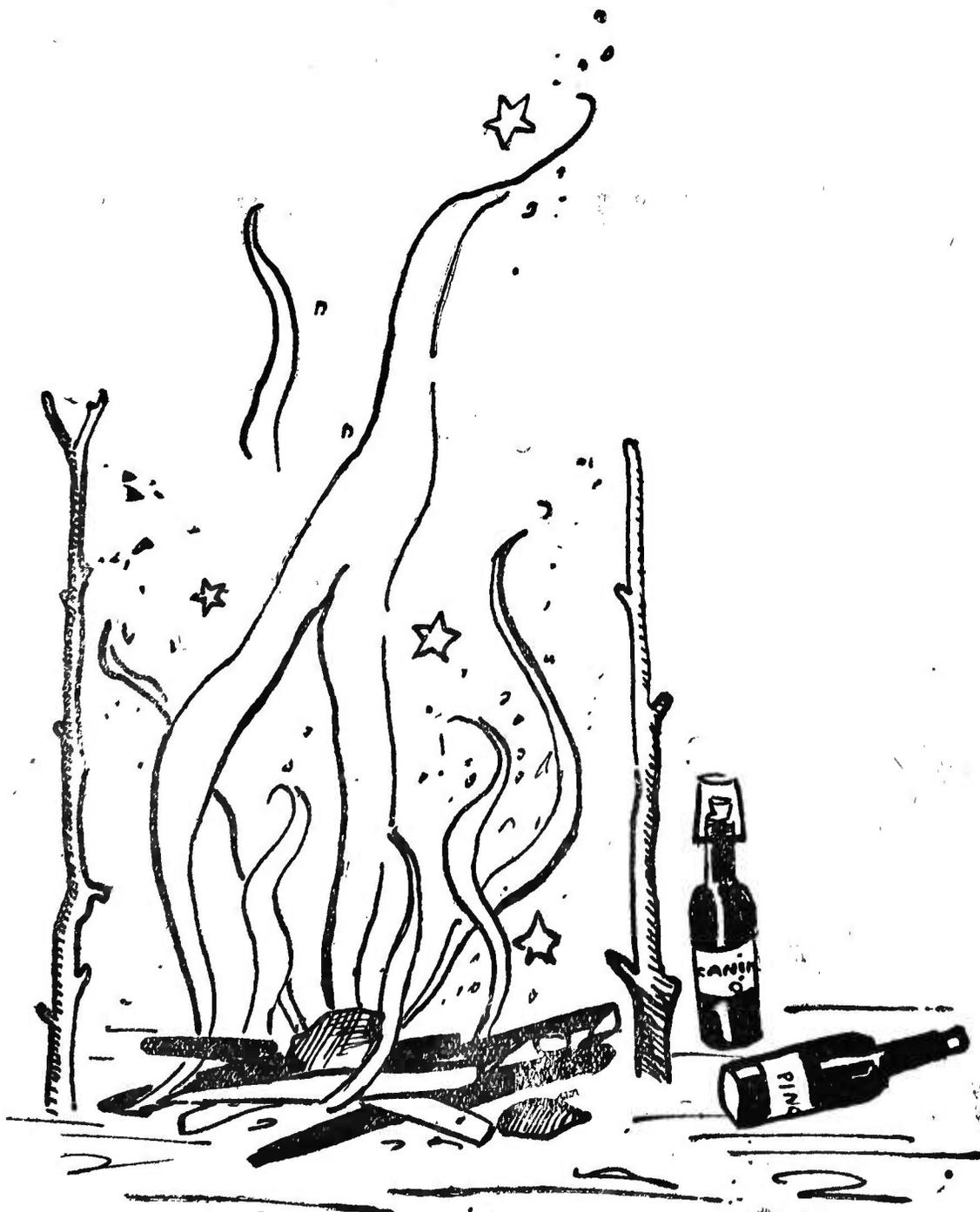
"Sapéca um samba Furgencio". E no terreiro liso, o toque toque dos tacos das botinas...

"O teu sorriso é tão doce encerrando tal doçura que é como se acaso fosse sorriso de rapadura..."

"Ai!

Queimei as mãos, pae!"

"Peste"

Noite de São João!

MASCARA DE COLOMBINA

Deleite dos olhos...

Ah ! por que aquella creatura falou? Ha mulheres que apenas foram feitas para deleite dos nossos olhos...

Quando a vi, logo me prendeu a sua graça felina, a sua plastica flexivel e colleante de cegonha solitaria, o seu loiro cabello esplendendo numa toalha de claridades, o seu todo nervoso de mulher de vinte annos, que vae vibrando... Ella bem percebeu a volupia do meu olhar, que soffregamente a envolveu, a querer penetrar, sentir as bellezas trahidas sob a queda das suas roupas, e passou victoriosa, perturbante, dominadora, como uma excitante apparição de Rops, subitamente diluida na gloria da manhã ensolarada.

Dias depois a conheci.E ella, que já me sabia escravisado aos seus encantos superiores de mulher perfeita, quiz deslumbrar-me com as scintillações do seu espirito resumidas numa phrase expressiva. Entretanto, o meu desapontamento foi enorme. Maculando o derivar das suas palavras, da sua bôca, da sua linda bôca sensualmente modelada para os cicios do amor, escapou um desses desmoralisados termos de calão empregados nas rodas cafagestes da maledicencia e do vicio. Todo o meu ser tremeu no arrepio duma decepção. Aquella palavra, tão réles, sahira dos seus labios, tão bellos, como um bicho disforme de uma corolla muito macia.

Ah ! por que ella falou?

Antes, procurando advinhar as excellencias do seu espirito travez as perfeições do seu corpo, já lhe presentia as vibrações de uma alma que enleava pelas suas multilas bellezas definitivas. Não, aquella mulher não era como muitas mulheres, seres exasperantemente complicados e frageis como essas porcellanas chinezas reverberantes ao flammar do sol e quebradiças ao contacto dos dedos. Não ! a belleza dessa mulher parecia proceder do seu espirito mesmo. Todos os seus vestidos, a sua arte no combinar harmonicamente a orchestração dos coloridos, trahiam um gesto, superiormente educado. Dir-se-ia que toda a sua belleza exterior era a condigna crystallisação da sua alma de elite.

E tudo isso, de repente, ruiu por terra, como uma figurinha de Saxe em estilhas, tambem, por que aquella creatura falou? Ha mulheres que apenas foram feitas para deleite dos nossos olhos...

Americo Bruschini

DAS CARTAS QUE ENVELHECERAM COMMIGO

Eu tenho um maço de cartas de amor. A primeira veiu com os primeiros desejos. E vieram as outras. Foram-se amontoando a um canto da mesa. Exhalam velhos perfumes. São o repositorio de minha mocidade inquieta e romantica. Nesse tempo, meus olhos choravam atoa. Enfiava, na cabeça, um chapeu de abas largas, um chapeu enorme e mendigava sorrisos. Depois, a Vida, a senhora dona Vida, me ensinou a philosophar. Li Schopenhauer e detestei as mulheres. Mas não lhes devolvi as cartas. Ficaram comigo. Comigo pensava no silencio, cheio de livros, de minha meza. Não tenho vontade de queima-las. Ser-me-ia doloroso vê-las reduzidas a cinzas...

Agora, havemos de viver juntos. São reliquias da mocidade.

Não mais leio Schopenhauer. Do amor, todavia, só me restan as cartas. Tambem, não as releio. Porque, nesta manhañ, diante de meu espelho – um espelhinho de quatrocentos reis – descobri um fio de cabello branco entre meus cabellos horrivelmente castanhos...

Matheus Carlos

Partiram . . .

ASPECTO DA MARAVILHOSA FAZENDA DO SR. JOSÉ LEVY, LIMEIRA.

hontem para Rio Preto os 8 rapazes que compõe a caravana por nós imaginada e realisada.

Partiram contentes sem saudades d'esta paulicea que dizem ter sido desvairada em outras epocas...

E devia ser assim; sempre é bom ver novas terras, outras gentes, principalmente na terra da gente... que a gente em geral desconhece.

E alem do mais havia ainda para augmentar-lhes a curiosidade as exclamações de Mauricio Goulart e Pedroso d'Horta que voltaram encantados da viagem preparatoria que fizeram pelo Interior.

Foi-se portanto a caravana "ARLEQUIM"...

Nossa casa está vasia e pela primeira vez o bonequinho é triste.

Pela redacção resôam, apenas, os telephones desesperados... com vozes anciosas do outro lado do fio, pedindo noticias . . .

Não ha noticias, não ha nada, apenas o José varrendo sala e vendendo numeros atrazados.

Está triste o bonequinho . . . mas ficará alegre bem depressa . . . quando elles voltarem.

E voltarão cheios de novidades e disposição os nossos amigos, que são moços e os novos horizontes, com certeza, lhes darão novas forças as novas luctas de todos os dias.

O "ARLEQUIM", então, será mais interessante que nunca porque será um ARLEQUIM remoçado ao contacto da gente boa desse nosso Interior.

UM LINDO TRECHO DE TAQUARETINGA.

Lindas mãos! sorriso lindo
Quanta belleza no olhar.
Os teus encantos perennes
Deixam minh'alma sorrindo
Quando a revejo, a pensar!

Em cima a Senhorita Lolita Jimenez

da

Sociedade de Araraquara

Em baixo

A Senhorita Carmem Jimenez.

Ainda em

Araraquara

no Tennis Club de lá.

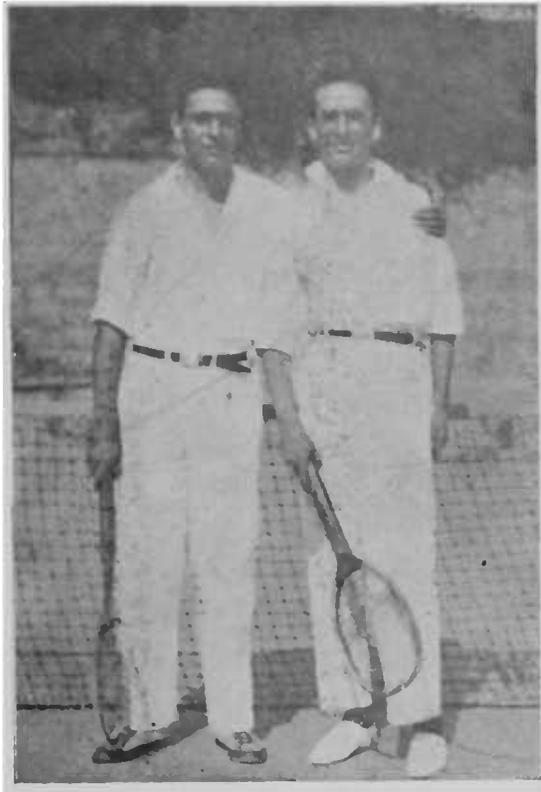
Teus olhos—duas raquettes
São feitos de inspiração
E com elles arremettes
Como no jogo de tennis
O meu pobre coração...

Senhorita

Dinorah **M**arcondes

nossa leitora

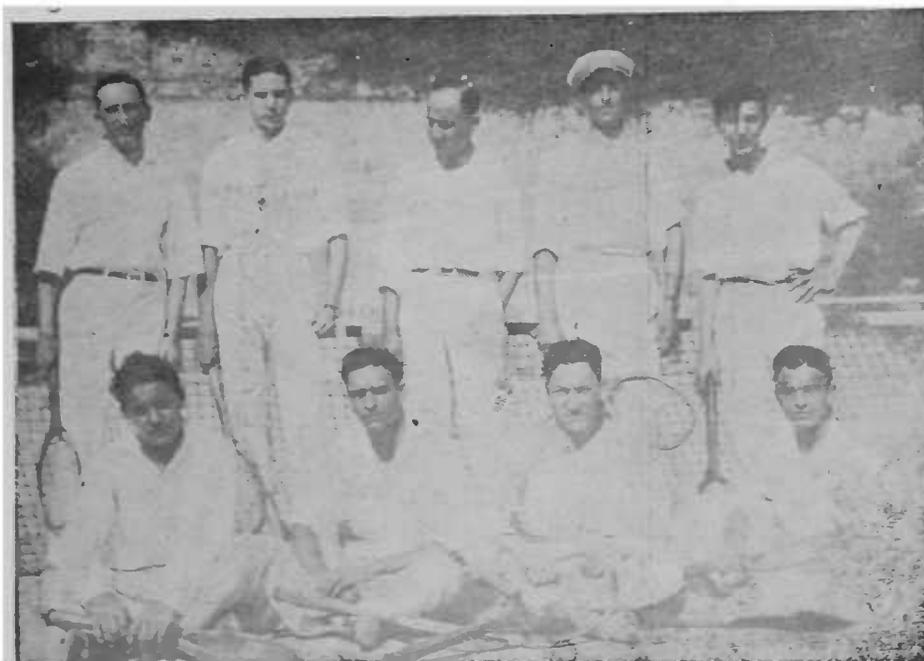
na longinqua

Araraquara

ALVIM E CIPULO,
DO S. PAULO TENIS

No São Paulo Tennis

Aspectos tomados por occasião do jogo realisado entre o São Paulo Tennis e o Club A. Independencia, em disputa do campeonato deste anno.

Nesta partida, prenhe de aspectos magnificos, os rapazes do São Paulo Tennis obtiveram brilhante e merecida victoria.

Sá Filho

GRUPO DE TENNISTAS
DOS DOIS CLUBS

Na Escola Normal de São Carlos

O "Arlequim" conhece muita moça bonita na Escola d'aquella terra feliz! Por exemplo:
D. Aracy, D. Jandyra, D. Clarisse, D. Elza, D. Albertina, D. Odette e D. Ruth.
— As senhoras que estão empertigadas nesse uniforme tambem as conhecem? Se sim, deem lembranças.

DIALOGO

— Si tu fosses um principe encantado
de perolas coberto;
si fosse de brilhantes teu reinado:
— dar-mo-ias?
— De certo.

— E si todas as noites fossem tuas
e tivesses como escrava a lúa fria?
eu teria um collar de estrellas nuas
de nuvens?
— Eu t'o daria...

— E si eu pedisse um beijo?
Um beijo longo, enorme,
Tú me davas? Farias meu desejo?

— Não sei... Isto é conforme...
— Então? Um beijo só, não me darias?
— Um só? Não sei... Talvez...
pois si fosse fazer o que pedias
em vez dum só, dar-te-ia dois ou trez.

OLIVEIRA RIBEIRO NETO

Estas 8 meninas declamam, e cantam...
Não fosse archaismo diriamos tambem que encantam, mas é...

No palacete Teçayndaba, durante o recital de Declamação que alli realizou a festejada "diseuse" Marilia Escobar Pires

DOCE VENTURA

— Tu és pobre, mãe
Tu não és feliz!...

— Como te enganas, meu filhinho!
Eu sou rica, muito rica;
sou feliz, muito feliz!
Quanto ouro eu tenho
nos teus cabellos côr do sol!
E quando, alegre, me sorris:
tenho perolas na tua bocca!
E, triste, quando choras:
tenho perolas que se debulham de teus olhos!
E quando tu me abraças com teus bracinhos lindos,
tenho, em volta do pescoço,
collar mais rico que os das princesas,
de que falam as historias-de-fada da avósinha!...

— Mas, tu não tens vestidos de seda,
como os ricos.
Tu és pobre, mãe.
Tu não és feliz!

— Como te enganas, meu filhinho!
Eu sou rica, muito rica;
sou feliz, muito feliz!
Os vestidos de seda rasgam-se
quando as mães carregam as creanças ao collo...
E o meu vestido – vê –
accommoda-se tão bem ao peso suave de teu corpo!
E quando, collado ao meu vestido,
fechas os olhinhos e adormeces
— com teus sonhos de creança, tu o enfeitas
tão graciosamente...
E o perfumas, ainda,
com o suave aroma de teu halito de candura...

Como te enganas, meu filhinho!
Nem as princesas das historias-de-fada da avosinha
têm vestidos tão lindos
como os vestidos de tua mãe...

MELLO AYRES

Aspecto dos que assistiram o recital de Marilia Escobar Pires

EDU' E EDISON

SÃO DUAS LINDAS CREANÇAS. LINDINHAS MESMO MORAM EM JABOTICABAL. ELLA E ELLE SÃO FILHOS DA SRA. MARION DE BARROS FERREIRA E DO DR. JOAQUIM BARROS FERREIRA. A SRA. MARION É QUEM PATROCINARÁ, EM JABOTICABAL, NA NOITE DE 28 DO CORRENTE A FESTA DA CARAVANA "ARLEQUIM"

A NOTAVEL DECLAMADORA, SRA. NASCIMENTO GAMA RODEADA DE SUAS PEQUENAS ALUMNAS.

O Baile do São Paulo Tennis

Rosas no fôrro das paredes.

Rosas sentadas.

Rosas de pé.

E entre ellas um espinho... sorridente, physionomia brilhante, a nos encher de ciumes e raiva.

Feliz o destino dos espinhos !

MAL-ME-QUÉ

Eu perguntei ao mal-me-qué ;
"—Flô feiticeira do "não" do "sim",
Conta pra mim o que subé
Si aquella diaba gosta de mim ! . . .

E aquella flô que é cartomante
Disse tudinho ! Que flô marvada !
—"Ella te qué, te qué bastante,
Te qué um pouquinho, não te qué nada !..."

Dr. Felix

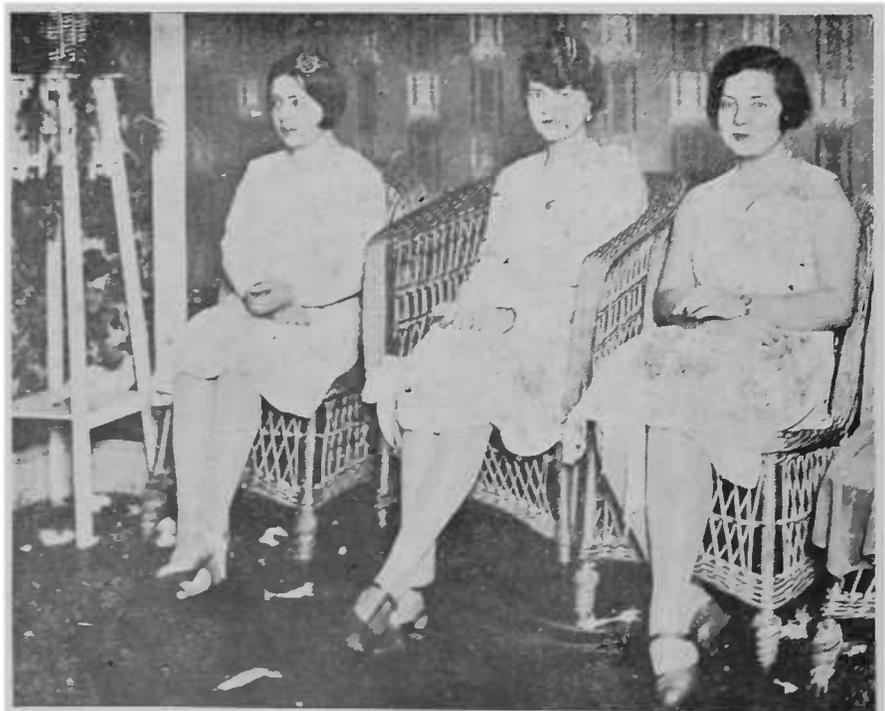
Nada de extraordinario nesta photographia... á primeira vista.

Tres moças, em media, são apenas seis paixões e duas fallencias.

... Mas é que entre estas notamos uma cabelleira interessante.

--- Como se chamará a senhorita ?

X ? Y ? Z ? Que nos importa ? E' a menina da cabelleira interessante, e só. Poderiamos dizer ainda que a da esquerda tem um ar muito sonsinho e a da direita uma boquinha petulante, mas não diremos nada.

Para que ?...

**Ainda no S. Paulo Tennis -- Duas sorriram.
A de cá, não,
Pudéra! Se ella não se quiz dar ao trabalho...
gostoso... de desmentir Schopenhauer.**

OASIS

Oasis do deserto de minha vida!
verde oasis florido,
onde canta a fonte da agua
do consolo, do amor e da ternura...
Verde oasis risonho
de minha vida!
Que calor!... Que sêde!...
Dà-me a doçura e a paz da tua sombra!
na agua tranquilla e azul do teu olhar...

JOSE' CORDEIRO

**Ainda no São Paulo Tennis.
--- E' verdade mesmo leitor, e não é nossa a culpa de terem estado, naquella sociedade, tantas moças bonitas no mesmo dia.**

Em Louvor d

As obras de calçamento que estão

sendo realizadas

pela

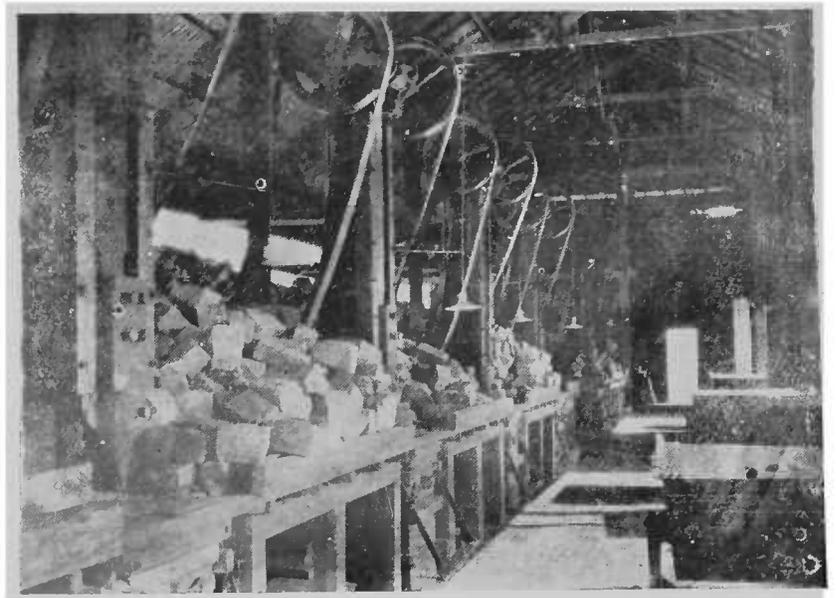
Prefeitura de São Paulo.

Draga para a estação de

Silo para armazenamento e distribuição de pedra britada na Rua Bresser.

Ruas Turiassú e Itapicurús. **Preparo do**

e São Paulo

de areia no Canindé.

Usina para fabricação de cubos de granito e apparelhamento de guias na Rua Bresser.

erreno e assentamento de parallelepipedos.

GENEALOGIA ANIMAL

Eis a materia,
bruta no feitio e organisação,
filha duma grande força fecundante,
que impera e domina a creação.

Nada de ieratico,
Nada de eterogeneo,
o velario do Mundo não é tão espesso,
que não deixe ver os humus dos monturos,
onde milhões de vidas pequeninas,
indecidem entre vegetal e animal.

Protozoarios
ponto de partida,
alimento das moscas, preferido,
vidas que já nutrem vidas,
linhagem que começa e vae seguir.

E' a Natureza que ensaia a materia organisada,
forma e dinamismo lhe querendo dar,
mas a embriologia é tão elementar
que adstricta fica a uma celula ovular.

E como ela é sabia, como é prudente,
vae devagarinho pra frente,
criando outros animaes differenciados,
e de differenciação, em differenciação,
adaptando e melhorando,
chega ao omnipotente ser humano.

Aqui está todo o seu mal.

Criado o homem,
surge a mulher,
que lhe domina o coração,
e delle tudo quer.

Enquanto isto a natureza,
soturnamente,
dorme como um sabio,
que já chegou á meta desejada.

Entregues a si proprios,
os homens apuram suas fronetas,
e a elipsoidal orbita visual,
e com ellas desenvolvem a intelligencia.

A exteriorisação do pensamento,
é o facto capital,
das lutas das idéas,
que nas celulas cerebraes
nascem, como os cogumelos,
no esterco animal.

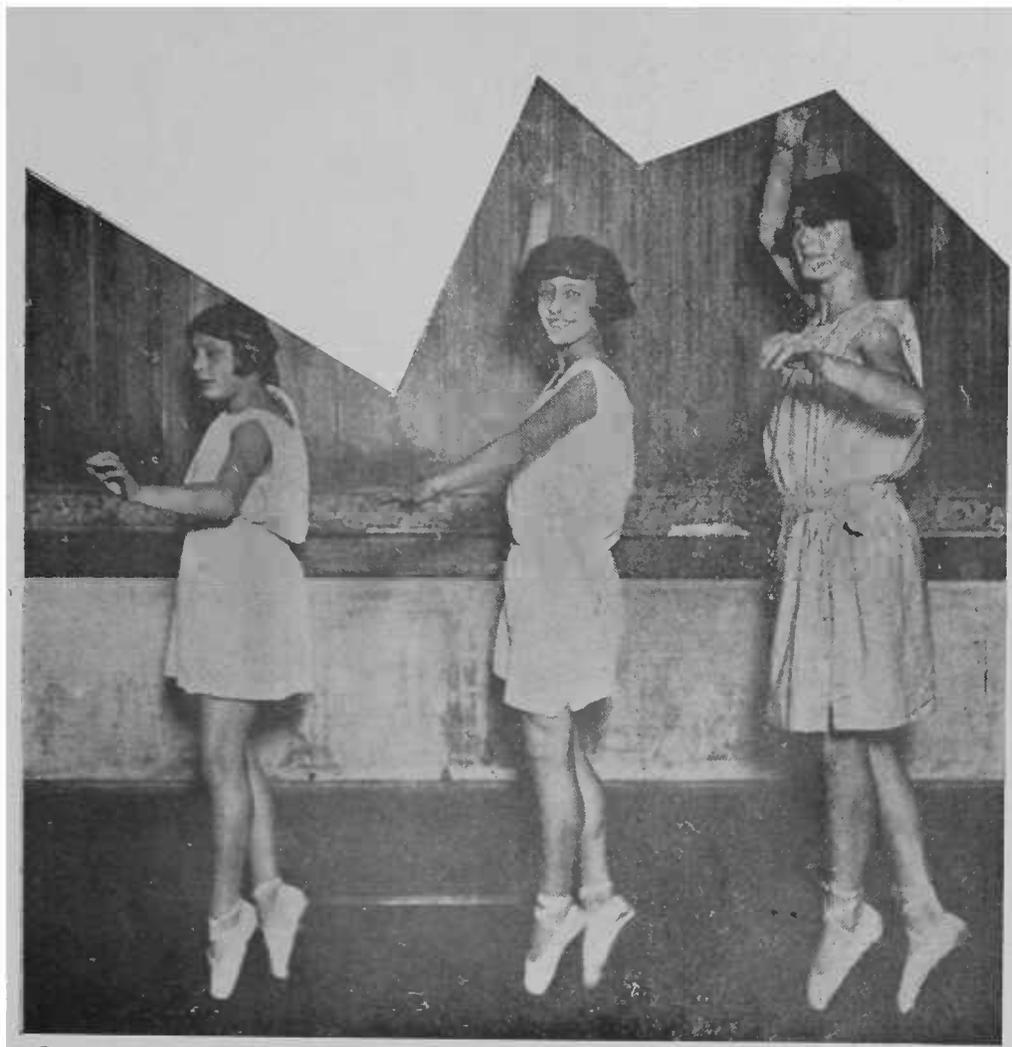
Vendo o homem tanta fartura,
julga-se um Todo-Poderoso,
e não podendo modificar a Natura,
contrarial-a é, no entanto,
seu maior desejo.

Succedem-se as ebdomanas,
e dia a dia o numero dos seus sonhos,
cresce, ou decresce,
na razão inversa da refrega,
ou na directa, que o fronema exalta.

E como si fossem de enea pirámide,
todos os seus sonhos embaladores,
o homem cre-se o animal Deus figura,
quando elle não é mais que materia,
ou mesmo, um modesto entulho.

A mulher que é da mesma plasmica substancia,
nas pégadas dos homens
segue tragicamente anonima.

Alfim, chega o dia em que a carne,
de agonia, em agonia,
é um simples aggregado infeliz,
que leva o pontifice da Genealogia Animal,
a igualar-se aos monturos,
na especie, no feitio e no fedor...

A. de SA'

L E I T O R

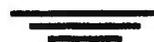
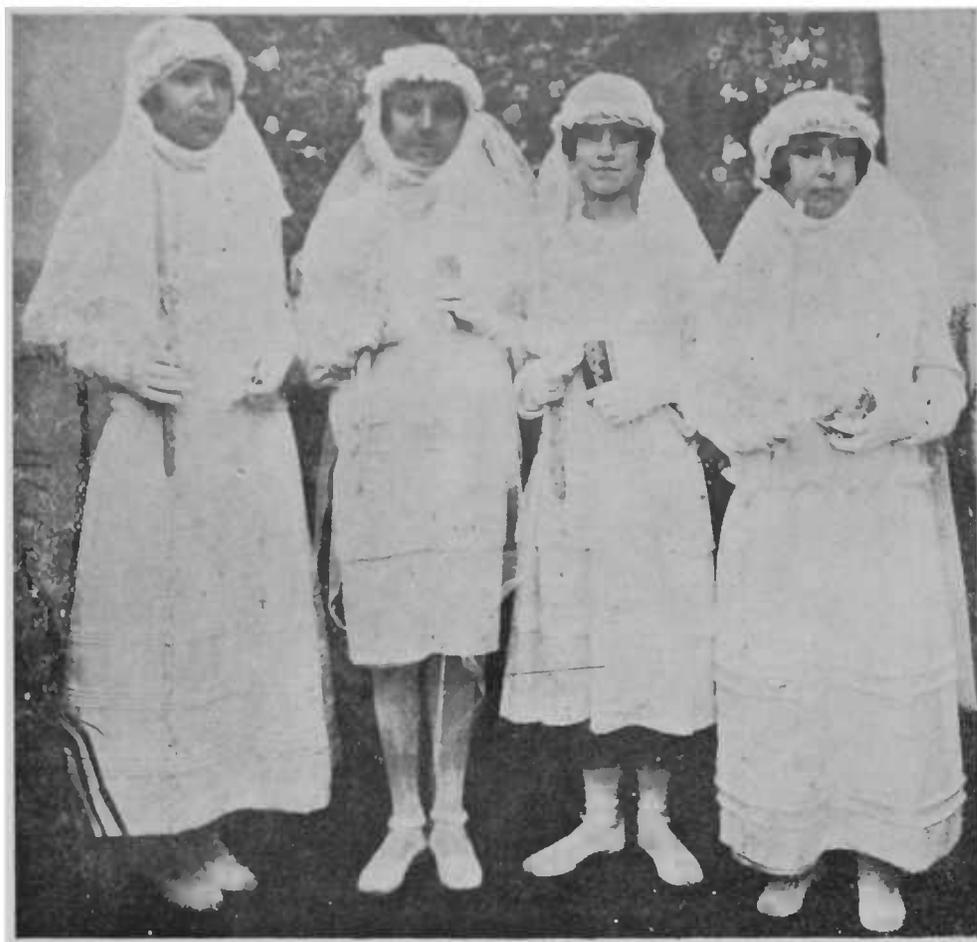
que lês no bond entre dois homens feios considera:

a)... que se tens fome... a fome passa...

b)... que se tens sêde... a sêde acaba...

c)... que se tens visinhos hediondos, neurasthenicos e sujos, ainda ha — neste planeta frio — garotas como estas das nossas photographias...

Lindinhas... graciosas... gentis... que estudam dansa com a Professora Alma Jucewick. — ... Sim... a Professora é a que está no canto, em traje de passeio.

—Linda ? Tambem acho... E agora vira a pagina e agradece aos Céus o facto de existirem "Arlequins" que te mostrem taes maravilhas...

Na pureza branca de suas almas de creança, vão receber a primeira communhão. E' o tempo mais feliz da nossa vida.

Grupo das alumnas do Instituto Musical, na festa por ellas realizada no Salão da Curia Metropolitana

Sta. Therezinha do Menino de Jesus! Tambem estas suas pequenas imagens são lindas e teem a santidade da innocencia!
—O pequeno frauciscano está espantado, talvez porque viu um anjo sem azas.

ELEGANCIAS MASCULINAS

Illustrações de J. G. VILLIM

No chapeu está a peça principal da indumentaria masculina.

E' elle que completa e domina o vestuario. Da harmonia ou da descombinação que fas com o traje depende toda a elegancia.

Detalhe mais do que qualquer outro immediatamente visivel, pela sua propria posição, o chapéo chama todas as vistas. Principalmente quando quem o tras teima em mantel-o na cabeça, mesmo quando entra num theatro ou num restaurante ou, ainda, quando fala com uma senhora...

Pouco ha que dizer sobre os typos de chapéu. Os transportes rapidos, especialmente o automovel, trouxeram o dominio quasi absoluto do feltro, destronando a cartolinha (o "melon" dos franceses e a "bacorinha", dos nortistas) e até mesmo dando rude golpe na "palheta" (o "canotier" da gente de lingua gaulesa). Até a propria cartola, ainda hontem rainha para os trajes de alta cerimonia, cede terreno, de muito, ao versatil "penante" de lan comprimida.

Os chapeus de feltro agrupam-se em duas categorias bem distinctas: os "duros" ou "armados" e os "flexiveis".

Os primeiros caracterisam-se pelas suas abas enroladas para cima, num conjuncto todo formalistico e meio "doutoral". Os segundos usam-se á vontade, com a aba quebrada na frente ou de um dos lados ou toda cahida para baixo, feitio "cloche".

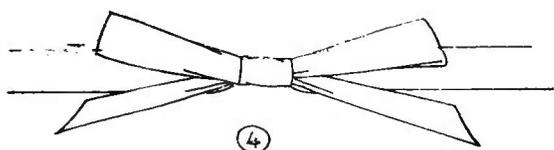
Está claro que os feltros "armados" só convem a pessôas de bôa estatura e corpulencia, com rosto largo e claro e que tenham gestos e attitudes calmas, quasi pacatas. Ao passo que os "flexiveis" adaptam-se optimamente aos sujeitos nervosos, meio trefegos, de pequena estatura, rosto magro ou secco ou escuro e movimentos e posições meio bruscas.

Isto quanto á forma. Quanto á côr, pode-se tomar como regra geral que o chapeu deve ser em tom mais claro que a roupa. Ha quem prefira usal-o em tom muito mais claro, o que é de mau gosto.

As nuanças preferidas devem ser o marrão e o cinzento, em suas varias tonalidades. Os chapeus verdes e azúes são contra-recommendados para a maioria dos casos, convindo sempre lembrar que só servem quando novos ou quasi novos, ao passo que os das côres que aconselhamos não perdem, antes ganham, com o uso e com o tempo.

Chapeus pretos só para luto. Ou para a noite, com o esmôque ou a casaca, sendo de notar que o typo um pouco espanholado, de abas quasi planas, fita estreitissima e copa praticamente conica, são superiormente elegantes, principal-

mente quando usados com capas de muito panno e largas e amplas pregas.

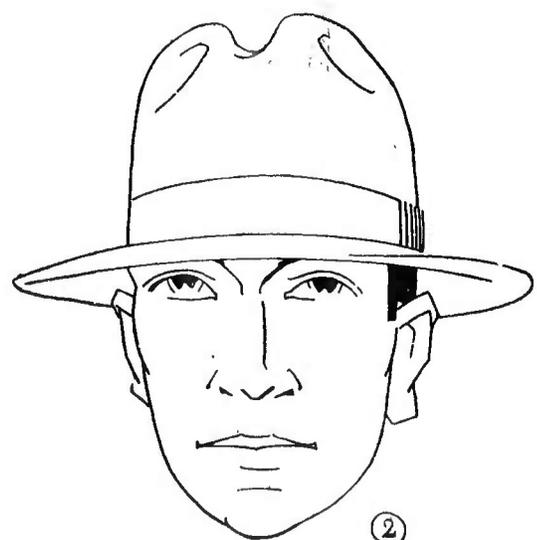
Seja, porém, qual fôr o typo, e a côr do chapeu, o modo de quebral-o, quando "flexivel", tem importancia dominante. Virar-lhe a aba para um dos lados, seja á direita, seja á esquerda, é realmente pretencioso, dando ao vestuario um toque de arrogancia á mosqueteira, muito fóra de mão em nossa epoca de discreção, de quasi apagamento na indumentaria.

A melhor solução para o "flexivel" é quebrar-lhe aba á frente, o que ensombra os olhos, dando-lhes um certo toque de romantismo, de mysterio quasi. Os nossos typos de latinos, com feições muito accusadas, beneficiam singularmente deste amaciamento do corte physionomico.

Por ultimo mas não por minimo, tratemos da fita. Ella é, sem duvida, a alma do chapéo Queiramol-a estreita, bem menos larga do que quasi sempre se encontra. 5 ½ centimetros é a dimensão corrente, fechando-se ella ao lado esquerdo com um laço estupidamente "armado", quando conviria trasel-a com 4 ½ ou 4 centimetros, unida por um laço-escadinha como mostra a gravura. Ou, então, á guisa do que fasem alguns arrojados, traser no chapeu fita de apenas 2 centimetros de largura, de 1 centimetro até, arranjada num laço genero "frivolo", como tambem se ve no nosso desenho.

Falámos da largura da fita e do laço em que se deve fechar. Digamos agora da côr, que em regra cumpre ser mais escura que a do chapeu, de côr preta em alguns casos, comquanto haja as veses motivos para constrastes interessante, como o de usar fita azul marinho em chapeu levemente acastanhado, ou fita marrão fechado em chapeu de cinza claro.

O capitulo das fitas não fica fechado, aliás, com todas essas indicações. A fita pregueada, typo americano, tem direito a quasi um capitulo.

E' o que veremos a seguir.

HYGROSACCHARETO
GLYCEROS PHOSPHATOS
ALCALINO TERROSOS
QUESCENTES
SILVA ARAUJO & C.IA
NEURASTHENIA
ESGOTAMENTO
NERVOSO.
DÁ
FORÇA
E SAUDE

FE'

Era nos campos de França. Ia rispido o inverno de 1915.

As cidades desertas, os campos vasios, por toda a parte a desolação e a miseria que longo anno de guerra espalhara pela Gallia heroica.

Os quatro cavalleiros do Apocalipses galopavam desenfreados e terrificos pela velha Europa.

Em Modane, lá no sul da França, a pequena aldeia que se encosta no norte da Italia, era triste e mais gelado e frio.

A vida ali parecia ter cessado. A terra desapparecera sob um lençol espesso de neve fofa e só uns pinheiros, esguios e escuros, balançavam os seus braços, açoitados pelo vento, pedindo aos ceus um pouco de clemencia.

A noite ia alta na paysagem soturna.

De repente dois vultos ligeiros se esgueiraram pelo pinheiral...

Que gente essa que em horá tão negra ousa afrontar o tempo? Uma velha que tinha a alma mais junto de Deus que dos homens e uma moça cujo coração afflicto vivia no pensamento de alguem que nesse instante talvez ja tivesse morrido pela Patria.

Ambas iam caladas, silenciosas e esperançadas.

A capella estava perto. Uma capella pequena, perdida á beira da estrada Santa Ephigenia lá estava, num altarzinho tosco, entre duas vellas modestas.

Ajoelharam-se. Disseram á Santa a dor que as torturava. Pediram á Santa que cuidasse daquelle que lá estava, trincheiras a dentro... Oraram. Estiveram assim, olhos baixos, mãos postas sobre os seios, largos minutos.

Lá fora, nevava, ainda. Do céu cahiam flócos brancos. E as duas, na egreja, pouco a pouco, experimentavam a certeza de que elle voltaria incolume. Parecia-lhes que a Santa, lá de cima do altar, entre as duas velas modestas, dizia-lhes que podiam ir socegadas.

Bendita Santa Ephigenia, que sabe assim consolar os afflictos! O mundo todo a invoca como padroeira. E, por isto, resolvemos abrir uma casa de artigos religioso, na rua Santa Ephigenia, quarenta e cinco A., onde temos completo sortimento de livros de missa, rosarios, estatuetas, paramentos e mais artigos religiosos.

M. SILVA

A CADEIRA VASIA

Na hora do pôr do sól
da adolescencia,
quando na torre do peito
o sino coração
badallava descompassadamente
a Ave-Maria do amor.
no salão do cerebro
reuniu-se a congregação.

Não se sabe bem
porque a Intelligencia
não estava na presidencia.
Entraram todos vagarosamente.
E a senhora Hypocrisia
em vós grave, pausadamente :
"Senhores,
está aberta a sessão".

O Odio tinha alli papel de saliencia.
Discutia muito,
e a todo instante
voltava-se buscando a approvação
da Mentira
que, sentada entre a Verdade
que dormia
e a Inveja que sorria,
approvava do amigo a opinião.

A Modestia morrera ; havia muito tempo
que a Vaidade tomara o seu lugar.

O Pensamento
olhava o "Jardim Vida"
indifferentemente
pela janella dos olhos.

Houve tumulto.

Em meio á confusão
notou a Presidencia
que ao fundo do salão
havia
uma poltrona vasia.

Immediatamente mandou verificar
a Quem de direito
pertencia o tal lugar.

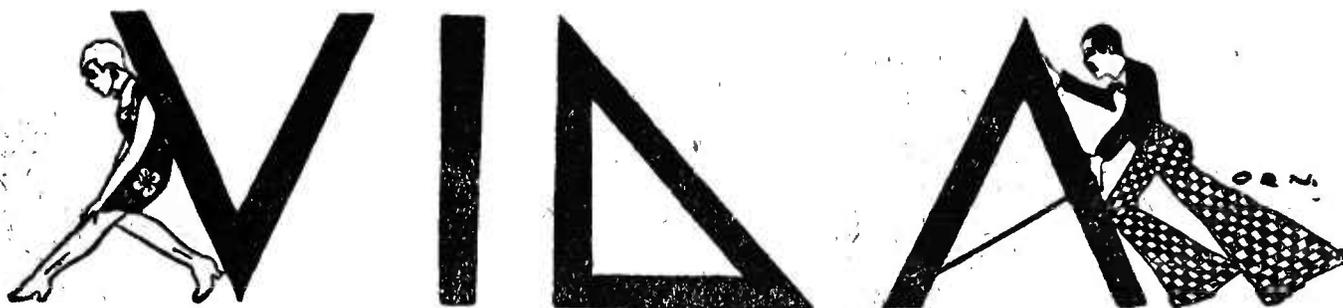
A Verdade accordou.

Posou sobre o ambiente
um silencio de gelo.
Acendeu-se a luz da Razão,
Então
a Verdade fitou os presentes longamente..

Depois fallou, baixando os olhos
cheios de clemencia :

"Naquelle lugar
devia estar sentada a
Consciencia".

DE LIMA NETTO

Essas são irmãs. Rachel e Esther. Robert é o sobrenome de ambas. E ambas são lindas, e ambas dansam muito bem, e ambas estão fóra do Brasil onde deixaram admiradores entre os quaes nos incluimos.

1980. Um palacio de canas fluctuando na represa de Sto Amaro. No tecto dum grande salão, os mais antigos quadros cubistas. Sentada numa preciosa almofada de folhas de bananeira a velha Mme. Adalgisa, uma das moças mais chics de S. Paulo no anno da graça de 1928, e que, si não conseguiu guardar a juventude, conserva ainda os costumes do seu tempo, vestida num grande e diaphano kimono japonez que a cobre discretamente até os joelhos, lê numa voz batida de machina typographica, um pedaço de "La Garçonne" ao Toneco, o velho marido já cego.

A um canto, uma graphonola toca somnolentamente um antiquissimo charleston.

— Que belleza, hein, Tonico? – torna Mme. de repente, fechado o livro, e passando a mão pelos cabellos muito brancos, cortados de bico, conforme a moda de antigamente: — Ah! meu tempo... Como era bom dançar o charleston com você, meu bem... Levanta-se subitamente: — Vamos experimentar emquanto as nossas netas não vem? Venha...

— O charleston, não! querida. Ponha o Pinião! Lembra-se? Adalgisa... Foi dançando o Pinião que nós nos conhecemos...

Berra o disco. Mr. e Mme. saem requebrados. Ouve-se ao longe o ronco dos aeroplanos que chegam, o barulho de submarinos que emergem do lago um circulo de espuma. Os dois velhos param.

— Estão ahi.

Pelas janellas entreabertas entram trez moças seguidas dum bando de adolescentes. Trazem como roupas, maillots collares de perolas e fitas no cabello. A bôa avosinha sorri meigamente: — Então? já tão cedo?

— E', Adalgisa, – torna-lhe Cumbembe, a neta mais velha, abraçando um rapaz: — O homem do "cabaret" quiz fechar as portas. E olhando o relogio amarrado no joelho: — Só seis horas da manhã. Tão cedo e a gente ter de vir para casa...

Consola-a o avô: — Pois é, filhinha. Vocês estão sempre se queixando... Olhe que no meu tempo era esta a hora de se acabarem as festas..

— No "seu tempo" já existiam festas?

— Já... e que *bailes!* A! meu tempo! – começa a velha, suspirando... E no dia do nosso casamento? hein, Tonico?.

— Casamento? – pergunta assustadissimo o Peutulio, o mais novo dos almofadinhas presentes: — Que droga é essa? E' algum perfume?

— Não – explica Mme: — "No meu tempo" nós ainda não estavamos nesse regime depravado em que vocês estão...

Cumbembe protesta: — Depravado não! Moderno! Emende a lingua!

Mme. não se importa e continúa: — "No meu tempo" o nosso sonho maior, era o casamento..

— E depois de casada, Adalgisa – pergunta ingenuamente uma das netas: — Não se podia namorar os outros?

— Deus nos livre! – toma Mme., assustada: — Depois de casadas nos só podiamos amar nossos maridos...

Cumbembe olha-a, maliciosa. Corre á outra sala. D'alli ha pouco está de volta. Traz um maço de retratos masculinos, mettido num enveloppe amarellado onde negreja a letra de D. Adalgisa: "Os homens que eu amei em 1940".

— Então? vovó... Isto aqui não é do tempo em que a senhora já estava casada?

E a velhinha muito simples, muito bôa:

— E' Cumbembe... Mas nós já estavamos neste regimem d'agora. E abraça-se, com meiguice, ao marido sorridente.

PEDRO ANTONIO

HISTORIA DE UM TRISTE

O trem demorava. Para encher o tempo puz-me a passear aborrecidamente pela estação. Vagões de carga descansavam nos trilhos. Duas locomotivas chiando enchiam de rumor o seu galpão de zinco. Um trem de gado, prompto para partir, estendia-se pachorrento no desvio.

Cheguei-me para perto do trem. Na gaiola mais proxima, um grande boi, belo exemplar de pura raça caracú, seguia meus movimentos com seu longo olhar melancolico.

Ao ver o boi, puz-me a pensar nessa coisa barbara que é vender a carne de um animal que prestou serviços. Lançando nessa divagação, esqueci o ambiente e já ia esquecendo de mim proprio, quando ouvi :

— O amigo pode dispensar-me um instante de atenção?

Olhei. Era o boi quem me fazia tal pergunta. A alguem parecerá maravilha que um boi fale. Entretanto os bois falam. Falam como as formigas falavam a La Fontaine, como os lobos a S. Francisco de Assis, como as estrelas a Bilac e como os peixes ouviam a pregação de Santo Antonio. E não são só eles, os bois, os lobos e as formigas, que falam. Tudo quanto habita o universo e vibra nos rithmos eternos da existencia, tudo quanto tem em si particula de vida, ou seja essa particula de luz, de côr, de som ou de perfume, tudo fala. O que é preciso, porem, é que hajam S. Franciscos, Bilacs e la Fontaines que saibam ouvir e compreender estas vozes mudas que partem de todas as coisas e andam cantando pelo ar.

Pois o boi falou-me e eu o entendi.

— Ao seu dispor, amigo boi.

— Como o senhor decerto não ignora, aqui vou eu neste trem para o matadouro...

— Sim, é um destino amargo...

— Não, por favor. Não se trata de me lastimar. O individuo que se faz merecedor de pena é o ultimo dos desgraçados. Eu não posso na verdade considerar-me um feliz. Mas dahi á infelicidade que desperta compaixão vae grande distancia. Não peço, nem quero que me lastimem a sorte. Alem do ridiculo, iria de encontro aos meus principios, e depois, pensando bem, o destino de alimentar a humanidade é até certo ponto grandioso... (E o boi riu ironicamente). O que quero é que me concedam o direito de manifestar minha ultima vontade.

— Ah! é isso? Pois aqui estou. Disponha para o que entender.

— Obrigado. Então ouça-me com paciencia. Eu nasci numa campina verde e cheirosa povoada por gordas vacas e mimosos novilhos. Olhei o sol e vi que ele era dourado e alegre. Olhei o ceo. Era azul e doce. As flores tinham perfume. Havia no prado borboletas vermelhas e passaros barulhentos. As aguas cantavam alegremente por entre sombras bucolicas. A vida decerto era boa porque a paisagem tinha poesia. Senti-me feliz.

"Assim vivi despreoccupadamente por algum tempo notando de amargo apenas o facto de me roubarem boa parte do meu leite.. Cresci. Fui para as invernadas viver a vida livre e forte da natureza. Ali tudo me era grato. Desde o capim verde o tenro que nascia nos barrancos, até o silencio emotivo das lagoas reflectindo sempre o mesmo pedaço de vida na sua monotonia de agua-morta. Mas um dia vieram os vaqueiros e rudemente marcaram-me com ferro em brasa. "Ah! meu amigo, como sofri!...

— Realmente, deve ser doloroso, comentei já emocionado pela narrativa.

— Não é tudo. Um mês depois prenderam-me e fizeram em mim essa operação que para todo o sempre me havia de impossibilitar para a paternidade... Então sofri duramente. Não pela dor phisica, não por me haverem tornado um incapaz para o amor. Amar em si era uma questão secundaria. Mas porque me impedia de rever-me nos meus filhos gordos e fortes, assistir á projeção de mim mesmo em manadas de novilhos, sentir a grandiosa emoção de me ver desdobrado pelos campos em dezenas de outras vidas que viriam todas da minha vida...

Mais tarde, por um dia brilhante de maio, fui para o trabalho. Penoso, exhaustivo trabalho! Chumbado ao cabeçalho do carro ou á tiradeira do arado, marchava sempre ao peso das cargas, desde que a alvorada tingiá de novo as flores pelo milagre da luz, até que a noite descesse dos altos ceos a confundir as côres no misterio da treva.

"Preso ali, áquele poste do dever, sofria o rigor infernal das soalheiras, nessa hora angustiosa do meio-dia, quando os raios de fogo de um sol inclemente cáem do ceo absorvendo o ar e derramando torturas. Depois, as moscas em bandos zumbidores, as abelhas em enxames dourados, os insectos todos, tudo quanto tem uma férula, tudo desce sobre o boi nessas rudes horas de trabalho, e todos eles são outros tantos instrumentos de suplicio.

"Depois as longas estações de chuva. A agua que cáe inundando a terra e abrindo sulcos nas estradas. E o carro continua a marchar sob a chuva e sob a furia das encurradas que rolam aos nossos pés os asperos calhaus e os galhos de espinhos.

"Depois o inverno impiedoso. Tormentas rugidoras de saraiva, medonhos vendavaes que arrancam folhas, derrubam arvores e retardam as viagens. A geada a endurecer de gelo os campos e os caminhos. O gelo queima, o graniso tortura. Mas o carro não para.

"Mal se abrem as manhãs no oriente, o trabalho começa, rude, cruel, sob o aguilhão dos carreiros. O sol descreve o seu giro por um ceo livre de nuvens, desce no horisonte, morre na saudade da tarde e o carro não para um momento.

"E quando a noite vem findar a tarefa, não traz a consolação de um descanso doce, iluminado pela palpitação das estrelas ou banhado pela fantasia branca de um luar de sonho. Traz a necessidade imperiosa de um somno pesado em que se abandone o corpo dolorido, indiferente a perfumes e a estrelas, na premencia de mal refazer as energias perdidas.

"Isto, meu amigo, por oito, por dez, talvez por quinze annos..."

Confesso que uma lagrima teimosa, punha reflexos irisados nas coisas que eu olhava. O boi falára com tal calor que já me sentia culpado de tudo aquilo. Um vago mal estar pesava-me no peito. E disse ao boi:

— Amigo boi, é certo, estou arrependido de ser homem. Nunca tive tempo para pensar que escravisamos de maneira tão barbara um dos nossos melhores auxiliares. Devemos parecer aos bois uns verdadeiros carrascos. Sinto-me humilhado por ser homem.

— Porisso? Não. Eu não choro as canseiras que sofri. O trabalho é a grande lei da vida e insensato o que o amaldiçôa. Porque o trabalho redime culpas e justifica nossa presença no mundo. Cada um individualmente tem de construir a sua obra que, somada á dos demais, faz andar a roda da vida nesse giro que nunca se acaba, porque é o giro que destróe aqui para criar ali, derriba ali para construir alem. Não lastimo o trabalho que fiz. Pelo contrario. Enche-se-me a alma de felicidade ao recordar que cooperei com minha parte na Grande Obra.

"Lastimo, sim, e em parte, a paga que recebi. Porque, mourejando sem cessar na luta quotidiana, ambicionava um calmo fim de vida. E não o tive.

"Um dia percebi que as forças começavam a faltar-me. O esforço doia-me nos musculos e o carro pesava-me excessivamente. Senti que já não produzia a mesma energia de sempre. Envelhecia. E aquele principio de velhice pareceu-me doce porque ele, só ele, ia me dar o apetecido repouso.

"E assim aconteceu. Fui dispensado do carro e mandaram-me para o campo, para um campo muito grande e muito quieto.

"Envelhecer serenamente, vendo ao lado a harmonia das coisas do mundo, é doce. O espirito tranquilo, retirado dos turbilhões da vida, sente uma grande, uma imensa paz nos longos dias da velhice, porque tem-se o consolo de saber que se cumpriu a propria missão. Olhar á roda e ver que a Obra continua a erguer-se sem o nosso auxilio, ver nela os vestigios da nossa passagem, gosar a delicia de viver de novo recordando o passado e depois esperar cheio de calma a redempção final da morte... E' doce..

"O campo era bonito. Logo pela manhã recebia a primeira caricia do sol nascente. O ceo era sempre azul e despertava na memoria a saudade duma coisa que eu nunca vira, a saudade talvez do meu mundo interior de fantasia. Acompanhava com o olhar os bandos errantes de nuvenzinhas brancas que o vento embalava nas alturas. Via as aves passarem em bandos gritadores pelos ares. Esquecia-me em silencio contemplativo olhando os regatos marulhantes e alegres que corriam cantando espumas pelas pedras. Gozava a frescura cheirosa e calma das sombras do arvoredo carregado de flores, pintado de frutos... Depois, pela noite, fitava o ceo, sempre mudo e sempre

(Cont. na pag. 34)

Senhorita 1928

—Queres, então, dizer que não vaes á missa commigo?

—Perfeitamente, já disse e repito : não posso tolerar, por mais tempo, aquella cara. Para onde vou, a horrorosa figura me persegue. Algumas vezes, com declarações de amor : outras, com sorrisos amarellos...

—Ora, filha, deixa de tolices... Vamos á missa... O que tens a faser é o que já te aconselhei : não lhe prestares a minima attenção.

—E eu presto alguma?

—Como sabes que são declarações o que elle diz?

—Pudera! E' possivel deixar-se de ouvir uma coisa que não sae dos nossos ouvidos, em toda a parte que se vá? E, batendo o pesinho : está resolvido. Ficarei em casa uma semana, um mez, um anno, se preciso for, até que elle se desilluda e... leve a breca.

—Bravos! Para uma moça moderna, o ficar em casa é, nos tempos presentes, uma grande virtude. Mas, has de convir que a tua resolução é recente, por isso, como despedida, acompanhar-me-ás. Vamos, avia-te... faltam, apenas, dez curtos minutos.

Alzira accedeu. Chegando á igreja, a primeira cara que vio foi a do galanteador. Não podendo conter um forte accesso de nervos, partio para elle, e, a queima roupa, abanando furiosamente a cabecinha, *sapecou-lhe* :

— O Snr. não quer ensinar um meio de me ver livre da sua perseguição?

— Case-se commigo, respondeu mansamente o rapaz. ...e casaram-se.

Braz Glette

REI ESCRAVO

Terminara o festim com o qual o soberano julgava seu dever honrar as Calendas de Maio. Amanhecia. As antecamaras estavam desertas. Pelo pavimento polido como um espelho de facetas triangulares, jaziam bandurras ennastradas, crótalos, grinaldas de poenias, amphoras enramadas de hera, taças partidas e pyramides de fructos maduros em salvas de prata lavrada. Rosas alexandrinas, despetaladas, pintalgavam de ouro ẽ neve as alcatifas e a agua almiscarada das piscinas orientaes. O manuscripto de um poeta elegiaco dormia ao pé de um cajado enfeitado de pampanos e de uma maçã em cuja polpa, bocca de mulher cravara uma dentada. O ar estava impregnado de cheiro de flôr, vinho e carne moça. Sentado no seu throno o rei Escravo cochilava. Coberto de arminho. Coroado de perolas.

— Magestade !

— Quem vem ?

— O sabio Amor pede uma audiencia.

— Defesa ?

— E accusações.

— Homens ?

— E mulheres.

— Por quantas horas ?

— Para toda a vida.

— Que entrem.

— Os reus tambem ?

— Todos.

As portas gigantescas onde estavam gravadas em todos os idiomas as historias de todos os reis, abrem-se lentamente ao impulso vigoroso do seis ethiopes semi-nús e ante os olhos preguiçosos do rei, se apresenta o mais bizarro espectaculo.

Uma multidão de homens e mulheres, jovens e maduros, vestidos de todas as cores e feitios, numa alegria escandalosa, forçam a entrada.

A' frente está um mancebo loiro de olhos tristes.

— Magestade. Peço justiça.

— Entrem.

E' um tumulto. Uma algazarra. As mulheres se medem, desafiantes. Fidalgas empoadas vestidas de tafetá roxo, varinas de Ovar, "merveilleuses", cigarreiras, haitianas e huris.

Artificio. Golas á Maria Stuart, cintas romanas, merinagues, mantilhas, calyptras, "tarbouches", e kimonos pintados. Chancas, chispes e tarocas. O sol e a noite nas cabecinhas vazias.

Gentis-homens, pastores, pescadores bretões, hussardos, esparteólos, faunos e fakires. Olhos humildes e olhos arrogantes.

Tunicas de cachemira branca roçavam pelas espadas dos palacianos e as cabelleiras curtissimas de dois morenos centuriões arrepiavam-se indignadas ao lado da cabeça feminil de um pastorinho que fugia do barulho escondendo sob o seu pellico uma avena maravilhosa.

Debaixo de um docel de musselina da India, pequenino e timido "samurái" abanava-se com uma ventarola de gaze côr de rosa onde sorria a careta de uma "musmé". Jovem escocez, vestido de saiote vermelho e jaqueta preta, ajoelhara-se no chão e tentava acertar a sandalia rustica no pé de uma cigana de riso sensual que fazia o possivel em occultar as pernas en tre os farrapos da saia amarella. As mãos nevadas de uma lady de cabeça levantada e narisinho arrebitado, attrahia os olhares verdes e ardentes de um kadi envolto em sedas e silencios.

Fallava-se em todas as linguas e em todos os tons. E no meio daquella balburdia o sabio Amor gritou com força para se fazer ouvir :

— Magestade. Peço justiça.

— Falle.

— O homem me derrota e eu não posso morrer. Levantei o mundo e o mundo me esmaga. Justiça ! Que o homem morra ou se proste aos meus pés. O homem é um eterno insatisfeito. Elle encontrou na vida um sabio que, como eu, era louro e era louco. Crucificaram-no. Eu não posso morrer. Houve tempo em que eu ditava leis. Floresciam então as flores de liz e havia torneios onde os homens luctavam e morriam por mim. Por mim os conventos guardavam virgindades vestidas de peplos negros. Por mim quebravam-se lanças e corações.

Quando eu chegava com a primavera a propria terra se sentia fecundada. Os pombos procuravam-me.. Abriam-se as rosas... Colhiam-se amoras pelos vallados... Davam-se beijos atráz das pilhas de ferro... E muitas vezes a primavera fugia e eu ficava ao pé de uma lareira, ao pé de um berço... Hoje tudo é descrença, tudo é tedio. Peço justiça. Quereis que o mundo morra commigo ?"

O rei Escravo sorrio passivamente. Desceu do throno. Correu os olhos pela multidão. Fez um aceno amavel á cigana e fallou baixinho como se terminasse um intimo monologo :

— Está dito. Serei gitano. Ante o povo, collocou na cabeça loura do sabio, o seu diadema de perolas. Deitou-lhe nos hombros o manto de arminho.

— "Não Amor. O mundo não morrerá. Você continuará ditando leis e fecundando a terra"

A multidão se alvoroça numa acclamação atroadora. Homens e mulheres sahem aos pares, mãos enlaçadas, olhos nos olhos. Juram por Deus homem, que serão, d'alli em diante, homens-deuzes.

E sentado no throno de ouro ficou o sabio Amor, para sempre rei Escravo. Escravo da vida e do coração.

DULCE AMARA

povoado de estrelas. Sentia por toda a terra o grande silencio do sonho que vae tecendo fantasias e contos maravilhosos no somno dos que dormem. Ouvia nas moitas humidas de orvalho o cricrilar aspero dos insectos e compreendia nessas vozes o hymno triumphal do amor que une os corpos na vertigem doida dos seus beijos, do amor misterioso, do amor que eu não conheci...

E o boi calou-se num soluço de saudade. Minha lagrima voltára e fecundára em meu intimo um sonho dourado de poesia. Mas o boi proseguiu :

Senti-me então perfeitamente feliz. Ia envelhecer suavemente, num canto de campina, sem mais ouvir o grito rude dos vaqueiros arrebanhando gado para o trabalho. Ali, naquele retiro de paz e de sossego, iria passar meus ultimos dias e fruir emfim os delicias que não tivera em toda a existencia.

"Mas, louca ilusão ! Eu era um inutil e ocupava entre o gado um lugar esteril. Meu dono não podia ter o luxo de conservar em seus campos uma vida que nada produzia. Vendeu-me a uma companhia de carnes.

"Tremi a principio ao pensar no meu destino. Ia morrer sob o cutelo impiedoso do magarefe. Era dessa fórma que se pagava o meu trabalho !... Era ao preço de tantas canseiras, de tantos sacrificios e tão doridas renuncias que eu comprára apenas uma morte afrontosa ! Então depois de longos anos de trabalho, quando a velhice me tornava um invalido, ainda se cobrava dinheiro pela minha carne para ser retalhada e vendida ? Creia, meu amigo, tive um momento de revolta. Mas uma revolta tão grande, que se os meios de que dispunha fossem relativos ao poder da minha colera, teria feito o universo em estilhas.

"Mas foi passageiro esse momento. A resignação da minha indole passiva de martir voltou e acendeu em mim a grande luz de uma grande paz. Ia morrer sob o ferro do açogueiro, mas que importava ? A morte é rapida e é uma só. Tanto vale morrer com um golpe de faca e ser esquartejado em postas ensanguentadas, como findar de velhice no campo, apodrecer, sobre a herva verde e servir depois de banquete aos urubús. A morte é uma só, mas a obra que eu fizera, ah ! essa ninguem a destruiria jamais. Podia morrer tranquillo que se encerrára o ciclo do meu destino...

Ahi então eu chorava revoltado contra os homens que são maus. E para dizer alguma coisa, perguntei, ao boi :

— Mas tambem você leva de nós um odio imenso, não ?

— Não... E era justamente por motivo desse odio imaginario que eu pretendia declarar minha ultima vontade. Peço-lhe dizer aos homens que nem assim lhes quero mal. Embora tendo razões fortes para odial-os, concedo-lhes o meu perdão porque eles não podem compreender o mal que me vão causar. O homem é digno de admiração pelo poder da sua inteligencia, mas é imperfeito porque não sabe que nós, animaes inferiores, tambem sentimos as coisas, alegramo-nos com a felicidade e sofremos com as injustiças. Não sabe, e depois que lhe importam, na sua vida superior, as lagrimas do boi que é o seu melhor amigo ? Dou-lhes o meu perdão, e neste momento de despedida, lhes envio o meu ultimo adeus...

Eu chorava ainda quando ouvi o silvo do meu trem. Enxuguei as lagrimas e aproximei-me da gaiola para despedir-me do pobre boi. Mas dei de frente com um animal estranho, mudo, indiferente, em que só viviam os dois grandes olhos cheios de tristeza... A crise passára,,,.. Sahi a correr, tomei o trem, e horas mais tarde, já esquecido do incidente, chegava a grande capital.

Dias depois, no tumulto da civilisação, aproveitando uma folga dos negocios, esfomeado dirigi-me a um restaurante para almoçar. Serviram-me um tenro e delicioso *filet*. Pensando em coisas agradaveis, puz-me a comel-o ceio de prazer.

De repente lembrei-me do boi. E se o bife fosse da carne daquele boi que me contará toda a sua amarga historia ? Suspendi o garfo e cravei os olhos no ventilador que girava ao meu lado. E mais. Ainda que o bife fosse de outro boi, era a mesma carne sofredora que eu comia.

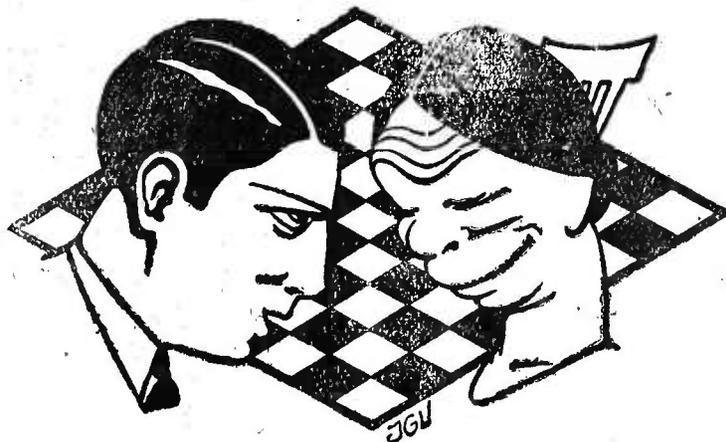
Recolhi-me ao mundo misterioso do pensamento e por lá estive a pesar justiças, culpas, dores e direitos.

Mas afinal cahi na realidade. Aquilo que o boi me dissera não passava de puro sonho de poeta. Tudo impossivel, fantastico, irreal. Demais, não seria com o meu protesto e abstenção que a humanidade havia de reconhecer a sua crueldade e injustiça para com o boi. Depois, o *filet* estava tão tenro..

Esqueci o boi, e acabei o meu bife lendo as ultimas noticias da Europa..

LEÃO MACHADO

No nosso proximo numero

?

"Arlequim" reserva, para os seus leitores,
uma interessante
surpresa.

!? Será ?!

AOS QUE NOS ESCREVEM

ILLUSTRAÇÕES DE BABY

Victor (Capital) — Afinal tolinho, você zangou-se atôa. Nem se comprehende como uma creatura que reune sosinha, tantos predicados, se emiscua com gente egual á do "Arlequim". E depois, você foi mau. Muito mau mesmo! Aquellas verdades que você nos mandou dizer (é verdade que você nol-as disse no papel que mereciamos: ordinarissimo...) nos puzeram doidos, ao bonequinho e a mim. Ficamos tristes, cabisbaixos. Perdi a vontade de comer e a vontade de amar. Perdi o somno. O "Arlequim", então teve ganas de se atirar, predio do Martinelli a baixo! Coitado! Os olhos muito abertos, a physionomia transtornada, cabellos em desalinho disse-me isto: "Valerio meu amigo. Que explicação você encontra para nosso consolo?" E eu respondi-lhe assim: "Nenhuma! Nenhuma! Devemos morrer. O sr. Eudóro Ferraz nos está enganando. Elle não tira cinco mil exemplares de cada numero do "Arleqyim" O Victor, que é sabio, disse isto! Devemos morrer meu amigo. O publico anda desgostoso comnosco. Não acceitou as explicações que lhe demos e acha que o estamos enganando porque, ao envez de você sahir á rua cada sete dias, apparece apenas ás quintas-feiras alternadas. O Victor que é justo, disse isto! E' necessario morrermos. "Arlequim"! O Horacio de Andrade nos illudiu, tambem. Elle não recebeu ainda a importancia correspondente a cerca de tres mil e quinhentas assignaturas, e é mentira que você tenha leitores em quasi todas as cidades do Brasil. O Victor, que é omnisciente, disse isto! Desappareçamos de uma vez, bonequinho! Até os meus olhos e os de Mercado Junior que secretaria você, estão sendo falsos. As nossas gavetas estão morrendo á mingua de collaboração. Ninguem mais quer escrever nas suas paginas, "Arlequim"! O Victor, que é omnipresente, disse isto!

"Arlequim"! "Arlequim"! Vamos nos atirar a um poço!?" A' idéa do poço, o bonequinho escancarou mais os olhos. Era de manhan. Fazia frio. "Arlequim" não sentira, na vespera nem o cheiro siquer de uma gotta de alcool. Teve medo por isto da agua. O perigo iminente deu -lhe talento e elle, segurando-me o braço com força, murmurou-me ao ouvido:

— "Estamos salvos. Valerio".

— "Como?", inquiri, cheio de duvida.

— "O Victor, o Poeta, não enviou uma carta de amor para o nosso concurso, que foi julgada por vocês imprestavel?" E á minha resposta affirmativa: "Pois vocês foram injustos. A carta está optima, com certeza. Vocês são pouquissimo intelligentes e não puderam perceber o espirito... Publique-a, Valerio e estamos salvos. Teremos leitores. Teremos dinheiro. E collaboração tambem. Ao lado de tão notavel Poeta quem não desejará ficar? Estamos salvos. Valerio".

Achei sublime a idéa do bonequinho. E para que os seus vaticinios se realizem todos (andamos mesmo precisando muito de collaboração, de dinheiro e de leitores...) aqui vão, Victor, alguns trechos da sua carta dirigida a Lygia:

"Recebi hoje a primeira carta. Traz nas dobras de seu finissimo papel, um perfume mystico e penetrante, que vem despertar o meu sentimento e a minha inspiração:

Eu li com tanta ansiedade
A carta que me mandou,
Eu quiz matar a saudade
E a saudade me matou...'

"Esperava todos os dias pela sua carta, mas não me vinha ás mãos. Todos os dias aborrecia o carteiro; imagine, amor, que tendo você partido no domingo á noite, eu procurei carta sua no dia seguinte!!! Absurdo!!! E' verdade, absurdo, mas são coisas de amor. Quem foi o inventor do amor, eu quero imploral-os?

— Ah, Cupido idealista, eu te bemdigo, porque nos convences a nós, namorados, de que o sonho é uma realidade e a supposição, uma verdade!"

"Pergunta-me si me tenho divertido muito. – Nem falle, Eu, para applacar o soffrimento que a lembrança do nosso amor me trouxe, não podendo resistir ás horas tristes da meditação, tive que procurar um lenitivo, um divertimento, um passatempo salutar que fizesse bem á alma, – busquei o cinema.

Nestes ultimos dias não tenho perdido tempo. O "Homem primitivo" achei muito interessante, assim como "Dois aguias no ar"; "Missão de amor" de Mary Carr é sublime; senti muito ter perdido o "Maldito tango" – a revista-novidade de Brasil Gerson, que o Jayme Costa levou no Boa Vista.

Venha logo, talvez alcance os tres grandes fims: "Rei dos Reis", "Casanova" principalmente "Fausto" com Emil Jannings. O primeiro foi dirigido por Cecil B. de Mille. São estupendos!

São essas as minhas diversões, LYGIA; alem disso, pela manhã, leio um pouco (isto para mim é uma diversão); á tarde, como você sabe trabalho; á noite recordo tambem alguma cousa de estudo e medito algum tempo na pureza, nas antidade do nosso amor, até por fim, reclinar-me sobre a mesa de estudo, já cançado e entregue aos bemditos braços de Morpheu... Sou conduzido, em Seguida, ao templo do Sonho, onde vou encontrar a imagem de LYGIA, aureolada de anjos e radiante de luz, com o seu riso alvo e consolador, o olhar santo, os braços abertos para receber-me e descançar o pensamento exhausto ed oentio..."

"Você diz que os dias custam a passar; sabe um remedio? Quando estiver aborrecida lembre-se do primeiro dia que me conheceu, do começo de nosso amor, e, escreva, escreva uma historiasinha um contosinho, simples pensamentos que seja m e mande-m'os pelo correio. sou eu quem pede. Você é tão boasinha!..."

Não commento a sua carta, Victorsinho. Lembro-lhe, apenas, que se a sua namoradasinha é bonitinha e boasinha e engraçádinha e lindinha e pode fazer uma historiasinha ou contosinho ao pensar no Victorsinho, voce deve ter cuidadosinho com a sua saudesinha e ir pouquinho ao cinemasinho, e achar benditosinhos somente os braçinhos da Lygiasinha, que pode ficar enciumadasinha dos de Morpheosinho... E adeusinho, . . .

VALERIO